



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

À BEIRA DO ATLÂNTICO: MIGRAÇÕES, DIÁSPORA E IDENTIDADE NO PANORAMA LITERÁRIO CONTEMPORÂNEO

Luca Fazzini (PUC-Rio)

RESUMO: O artigo “À beira do Atlântico: migrações, diáspora e identidade no panorama literário contemporâneo” pretende discutir o conceito e as múltiplas construções possíveis de identidade na literatura contemporânea, a partir de experiências de deslocamentos, como os relativos às migrações e à diáspora. Considerando as reflexões sobre as identidades na pós-modernidade de Stuart Hall, em particular as que se encontram nos artigos “Quem precisa da identidade?” (2001) e “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior” (2008) assim como as tentativas propostas por Paul Gilroy de pensar as culturas da diáspora africana a partir do modelo do “Atlântico Negro” (2001), o artigo seguinte quer propor uma leitura comparada de dois romances contemporâneos, *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* (2014), de Kalaf Epalanga e *Alzira está morta* (2015), de Goli Guerreiro. Através desta leitura tentarei discutir tanto as dinâmicas de identificação quanto os processos de construção e consolidação de elementos culturais em contextos alheios e muitas vezes hostis.

Palavras-chave: Literatura pós-colonial. Identidade. Diáspora. Migração.

A época contemporânea, caracterizada pelo trânsito rápido de pessoas, ideias e mercadorias, numa perspectiva sempre mais global, favorece uma reflexão que vise desconstruir e repensar conceitos-chaves da modernidade ocidental, como identidade, nação e fronteiras, e as intrínsecas relações hierárquicas de poder que estabelecem. De facto, as nações modernas, delimitadas por rígidas fronteiras surgiram como

“comunidades imaginadas” a partir de narrações baseadas em identidades culturais imutáveis, de tipo essencialista e transcendental, fundadas na possibilidade de pensar num eu coletivo unificado e estável. As tradições particulares e os mitos fundadores destas – trans-históricos e anacrônicos – criam uma união atemporal funcional para pensar a(s) cultura(s) como amparadas dentro dum território fechado por fronteiras.

Refletindo acerca das ligações mútuas entre identidade cultural e tradição, no seu célebre ensaio “Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior”, o intelectual jamaicano Stuart Hall afirma :

Trata-se, é claro, de uma conceção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. (HALL, 2006, p. 29)

As reflexões mais recentes, como o questionamento dos *grand récit* da modernidade propostas por pensadores ligados ao conceito de pós-moderno, ou como as propulsionadas pela crítica desconstrutivista e pelos chamados Estudos Culturais ofereceram outras perspetivas para pensar a identidade e as culturas: já não como algo de atemporal e estável, mas como uma construção contínua, marcada por fluxos e por deslocamentos. Algo que poderia ser considerado múltiplo e plural em vez que monolítico e unificado.

Neste sentido, aparece interessante a leitura do artigo “Quem precisa da identidade?”, sempre de Stuart Hall. O intelectual jamaicano, refletindo acerca dos processos de globalização e de migração forçada – como o tráfico de escravos, mas também como as outras formas de migração devidas aos acontecimentos bélicos, à falta de meios e recursos e à procura de melhores oportunidades – evidência como, na época por ele chamada de “modernidade tardia”, as identidades apareçam cada vez mais fragmentadas, já que “elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições [...] constantemente em mudança e transformação ”(HALL, 2000, p. 108).

Enquanto produzidas no interior de discursos predominantemente hegemónicos, elas pertencem a lugares históricos e institucionais específicos, e responderiam a lógicas e estratégias próprias. Isto é, as identidades “emergem no interior do jogo de modalidades

específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída” (*Idem*, p. 109).

Entender tal visão “tradicional” da identidade como produto de discursos que visam marcar a diferença e a exclusão, tornar-se-ia fundamental para a compreensão de fenômenos alarmantes dos nossos dias, tanto no “Sul” quanto no “Norte” do hemisfério. Apenas para fazer um exemplo da atualidade política, veja-se nos países da Europa a sempre maior base eleitoral de partidos de direita, populistas, anti-islâmicos e anti-europeístas, também como resposta à “crise dos refugiados” – cronologicamente o último dos deslocamentos massivos, da África para a Europa.¹

O exemplo da Europa não é casual. Pensar as identidades e as culturas como estritamente vinculadas ao território nacional, fechado por fronteiras rígidas, é um dos pressupostos do pensamento eurocêntrico, movido pela necessidade de pensar num “nós” perante o encontro perturbador com o outro.²

Contrariamente, o momento da superação das fronteiras, da passagem, do trânsito das culturas, favorecido pelo desenvolvimento tecnológico da contemporaneidade tornaria interessante e necessária a proposta de pensar as identidades nas suas perspectivas dinâmicas, para além do território das nações – tanto na *práxis* política, quanto na reflexão sobre as culturas. Essas últimas, construídas, segundo o sociólogo Paul Gilroy – crítico severo da concepção de identidade enstável, enraizada e por isso supostamente autêntica –, nas chamadas “zonas de contato”, mais do que filhas de territórios fechados por fronteiras.

É a partir de tal consideração que em *Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência* (2001) o intelectual britânico, pensando o conjunto de culturas afrodescendentes que se espalharam pelo mundo a partir da modernidade colonial ocidental, questiona a visão “tradicional” de identidade. Nas reflexões do autor, as dinâmicas culturais – de afirmação, resistência e sobrevivência - que a diáspora negra

¹ Para entender as dimensões que o fenômeno está a tomar na atualidade política de alguns países europeus é suficiente considerar, no Reino Unido, a propaganda efetuada pelo UK Independence Party (UKIP) antes do referendo pela saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). O partido, representante da direita britânica, ao tornar a luta contra a imigração tema central da propaganda eleitoral e principal razão da *Brexit*, reacendeu nos eleitores a angústia endêmica de ver a própria identidade nacional supostamente enfraquecida por pertencer a uma comunidade – a europeia – que procura ir além da territorialidade nacional, e que propõe acolher, ao seu interior, populações provenientes de outras latitudes. O êxito do referendo manifesta, de facto, o quanto o amparo fornecido pela visão “tradicional” de identidade nacional esteja enraizado nos cidadãos britânicos.

² Nesse sentido, é interessante ver a análise proposta por Tzvetan Todorov no seu ensaio *A conquista da América: a Questão do outro* (1982).

desencadeou e favoreceu no hemisfério ocidental do globo, ofereceriam ferramentas importantes para refutar a lógica hegemónica e a organização hierárquica subjacente à visão de identidade como vinculada ao espaço fixo das nações:

A diáspora desafia isto ao valorizar parentescos sub e supranacionais, e permitindo uma relação mais ambivalente com as nações e com o nacionalismo. A propensão não nacional da diáspora é ampliada quando o conceito é anexado em relatos anti-essencialistas da formação de identidade como um processo histórico e político, e utilizado para conseguir um afastamento em relação à ideia de identidades primordiais que se estabelecem supostamente tanto pela cultura como pela natureza. Ao aderir à diáspora, a identidade pode ser, ao invés disso, levada à contingência, à indeterminação e ao conflito. (GILROY, 2001, p. 19)

De acordo com o pensamento de Paul Gilroy, o modelo do “atlântico negro” proposto pelo intelectual britânico, enquanto modelo que visa salientar a relevância da diáspora e do espaço fluido do oceano como veículo de trocas culturais contínuas – multiplicando assim as chamadas “zonas de contato” –, aparece como pertinente para pensar duas obras de ficção recém publicadas: *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* (2014) do angolano Kalaf Epalanga e *Alzira está morta* (2015), da brasileira Goli Guerreiro.

O primeiro, publicado em Portugal no 2014 relata, através de uma narração fragmentada constituída por capítulos breves, momentos e reflexões estritamente relacionadas com a experiência pessoal e artística de Kalaf Epalanga, autor empírico do romance, músico e membro fundador do coletivo “Buraka Som Sistema” – provavelmente o mais conhecido projeto angolano/português de kuduro em Lisboa. Entre romance autobiográfico e diário, o *leitmotiv* que conduz toda a narração é, de facto, a construção de um lugar de identificação, por parte do autor, num lugar outro em relação à África nativa, como o da capital lusitana.

Nesse processo de identificação que acompanha a escrita de Epalanga, é possível destacar o importante papel ocupado pela música, pelos ritmos angolanos – em particular a kizomba e o kuduro, mas também o semba – ao transitarem fora da África.

De facto, além da relevância que a música tem na organização da estrutura do romance, com diversos capítulos dedicados à reflexão sobre os ritmos mencionados e sobre a dança, é justamente acompanhando a recepção e a afirmação destes fora de

Angola que é possível vislumbrar as trocas culturais recíprocas entre portos do Atlântico. Se por um lado o mesmo projeto musical dos Buraka Som Sistema constrói-se nas fronteiras, nas zonas de contato entre Luanda e Lisboa – a matriz ocidental da música eletrónica e a africana do kuduro –, por outro lado são as mesmas capitais europeias que reconfiguraram o próprio panorama cultural através do contato com as diásporas africanas.

Em *O angolano que comprou Lisboa*, lê-se:

Lisboa é, inegavelmente, uma das cidades mais africanas do mundo, e dos últimos anos para cá é interessante ver o papel que a kizomba tem vindo a assumir nesta cidade. Hoje, para onde quer que nos viremos, a kizomba está presente. Mas não é apenas em Lisboa. Outras cidades europeias começaram a aderir ao movimento. Paris, Londres, Bruxelas, e Roterdão [...]. (EPALANGA, 2014, p. 225)

Por seu lado, em *Alzira esta morta*, romance publicado no Brasil no 2016, a antropóloga Goli Guerreiro relata as viagens de ida e volta da seropolitana Alzira (1911-1988), personagem puramente ficcional, entre o porto de Salvador e Lagos, Londres, Nova York e outros destinos da diáspora negra. De facto, no romance, definido pela autora como uma “ficção histórica em forma de biografia”, Guerreiro constrói toda uma narração tentando evidenciar os contatos culturais recíprocos durante décadas – no caso do romance – e séculos de migrações. Tal intenção descritiva – e um certo *modus operandi* frequentemente didático – aparece nítida também ao nível da estrutura e da mesma escrita da obra: cada capítulo abre-se com uma epígrafe de carácter historiográfico que pretende colocar o leitor dentro do contexto histórico e político dos acontecimentos narrados.

Apenas como exemplo, veja-se a epígrafe que abre o capítulo “Sonho e Pesadelo”, momento no qual Alzira, ainda na década de sessenta, desloca-se para Nova York com a intenção de desenvolver pesquisas sobre o *New Negro Movement* e a *Harlem Renaissance*, no âmbito do seu Mestrado na Bahia:

A partir de meados dos anos 1960, os Estados Unidos viveram uma profunda transformação política com a conquista dos direitos civis. Mais tarde, a estética transcendente do Black Power, embalada pela *soul music*, enviaria sinais para todo o Atlântico. Muito antes disso, entre os anos 1920-30, uma vanguarda negra de Nova York encabeçou um movimento literário que criou o conceito New Negro,

questionando hierarquias sociais e raciais. (GUERREIRO, 2015, p.125)

Além das epígrafes que introduzem os capítulos, o romance é intervalado por imagens e fotos de época – ressaltando o intento documental da obra – e constituído por uma escrita na qual os elementos típicos do discurso ficcional, como as metáforas e as demais figuras retóricas, são reduzidas ao mínimo, reproduzindo assim o estilo essencial característico do caderno de campo do antropólogo. O trecho que segue, momento em que a protagonista se encontra em Dakar hospedada na residência de uma família islâmica tradicional, pode ser considerado como um exemplo da escrita em *Alzira está morta*, com qualquer pretensão estética submissa ao teor documental do romance:

Hospedada na casa de Monsieur Thioune na Medina de Dakar, Alzira desfrutou o convívio de famílias que vivem em torno do mesmo homem. Thioune era muçulmano rico, tinha quatro mulheres e dezassete filhos.[...] Era uma casa confortável com um imenso pátio cheio de goiabeiras, mamoeiros, mangueiras majestosas e muitas cabras, galos, ovelhas. As refeições diurnas eram servidas no pátio e as noturnas numa grande varanda. Homens e mulheres se sentavam separadamente em torno de cabaças de arroz e peixe defumado com molho de tamarindo e pimenta. Alzira custou um pouco a assimilar a prática de reverência islâmicas. Todas as manhãs as mulheres, por mais velhas que fossem, se dirigiam ao chefe da família e com os joelhos dobrados apresentavam suas saudações. [...] logo depois das reverências, as mulheres pegavam seus cestos e saíam juntas para o mercado. (*Idem*, p. 53)

Numa leitura em conjunto, os dois romances, atlânticos por serem filhos de deslocamentos – reais no caso de Kalaf Epalanga, ou ficcionais no caso de Alzira – entre África, Américas e Europa, fazem da diáspora um elemento fulcral para propor, através da escrita, imagens de identidades longínquas das “tradicionais”, discutidas nas primeiras páginas deste artigo. Ao mesmo tempo eles oferecem um apoio para pensar o papel positivo das chamadas “zonas de contato”: espaços dentro dos quais as diferentes culturas não se aniquilam mas se moldam reciprocamente através de encontros e conflitos.

De facto, essas tensões subjacentes à escrita são expressas de maneira explícita tanto em Kalaf Epalanga quanto em Goli Guerreiro: os dois autores, já nos paratextos –

em particular nos prefácios que introduzem o leitor aos romances –, afirmam claramente quais são os pretextos e os objetivos que acompanharam a experiência literária.

Em *O angolano que comprou Lisboa*, o prefácio aparece quase um hino à Angola e, ao mesmo tempo, uma tentativa de oferecer e de propor novas coordenadas e novos alvos para uma questão central em grande parte da literatura angolana, ou seja a angolanidade:

Angola, tenho-te ciúmes, os mesmos no qual vivem entregues, no alto do seu amor febril, todos os amantes deste mundo. Se não fosse teu filho te pedia em namoro, te fazia pedido, alambamento e todos os mambos, e adoptava todos os filhos que pariste, cujos pais se fizeram ausentes, uns deportados para as Américas em navios negreiros, uns desaparecidos em combate, e outros simplesmente que te voltaram as costas e te deixaram mais viúva do que mulher finada. [...]

Comemos Jinguba e bebemos quissângua, mas à medida que se ia chegando ao rolão no fundo do jarra, sou tomado por uma sensação estranha, inquisitória: o que nos faz pertencer a este lugar? Saber cantar o hino nacional? Identificar o número de afluentes do rio Kwanza? Talvez esteja até a colocar a questão errada, porque agora, que tento elaborar sobre essa coisa da identidade, outra questão mais pertinente me surge: “que tipo de angolano queremos ser?” (EPALANGA, 2014, pp. 13-14)

Em *Alzira Esta Morta*, é a própria autora que, antes de entrar nas páginas do romance, toma a palavra para comunicar ao leitor o projeto subjacente `obra: uma mais ampla reflexão crítica sobre os deslocamentos culturais entre os povos negros do atlântico.

Lê-se no prefácio:

Este romance, o primeiro que escrevo, é a última peça de uma trilogia iniciada no livro *Terceira diáspora – o porto da Bahia*. Um livro blog, que recria a estética da web, no qual a ideia de trocas virtuais entre mundos negros ganhou forma. [...] Logo depois fui convidada a escrever um livro sobre o tráfico de africanos, que chamei *Terror e aventura*. Um ensaio histórico-antropológico [...] sobre a sagra dos negros no regime escravocrata na Cidade da Bahia, mapeando assim a primeira diáspora. Vi então o desenho de uma trilogia e cabia escrever a segunda diáspora – focalizando as

migrações voluntárias de pessoas e comunidades negras. Como os dois primeiros vinham em tipos diferentes de narrativa, me arrisquei na aventura de tecer o último livro em forma de romance. (GUERREIRO, 2015)

As três partes que dividem o romance, de facto, relatam a parábola pessoal de Alzira durante três décadas e, através desta, o leitor estabelece um contato com os mundos negros da Bahia, da África ocidental – em particular da Nigéria, do Benim, do Togo, do Senegal e dos Camarões – e dos subúrbios de metrópoles ocidentais quais Londres, Paris e Nova Iorque.

Se na África vivenciada por Alzira às fronteiras nacionais, pensadas e erigidas pelas potências coloniais europeias, não correspondem barreiras físicas e culturais – isto é, no romance povos, culturas e tradições deslocam-se livremente entre Estados africanos –, nas metrópoles ocidentais visitadas pela protagonista, os subúrbios são de facto abrigos para populações africanas e afrodescendentes. *Locus* de identificação para os imigrantes mas que também redesenham o panorama cultural metropolitano.

Embora segundo Stuart Hall, as dinâmicas de identificação também corresponderiam à criação de "fronteiras" mesmo que simbólicas, já que esta "envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteira", (HALL, 2000, p. 106), tais lugares tornar-se-iam necessários perante a violência constitutiva e o racismo como paradigma de exclusão: veja-se os motins raciais em Londres entre a década de cinquenta e sessenta, testemunhados por Alzira no capítulo "Na barriga da fera" (2016, p. 109-112)

Em *O angolano que comprou Lisboa*, também Kalaf Epalanga constrói a sua indagação sobre identidade e identificação numa ligação constante entre o sujeito (africano, negro, cosmopolita) e espaços atlânticos: Luanda, Benguela, Lisboa, Nova Iorque e Cabo verde – sendo o arquipélago não um espaço físico mas o reflexo deste erigido pela comunidade cabo-verdiana em Lisboa. E é justamente na capital lusitana, lugar onde o narrador se viu pela primeira vez como alteridade em termos raciais, que surgiu a necessidade de refletir acerca da identidade e através da escrita:

Foi em Lisboa [...], alguém questionou-me sobre o porque do meu interesse pela escrita [...]. A minha resposta: Quando aqui cheguei [...] o choque cultural não foi significativo. Trazia comigo a vantagem da língua e da similaridade de valores culturais e religiosos. Tirando uma ou outra característica comportamental, não havia muito

a assinalar que pudesse alimentar um conflito cultural entre nós, africanos, e eles, os brancos, nativos. O único problema residia na pele: quanto mais escura, maiores as dificuldades de integração. A cor tornava palpável a pressão sociocultural sob a qual viviam os pretos, nas periferias dos grandes centros urbanos, entre dois mundos: a África umbilical, da saudade, do sonho e do orgulho de pertença, e Portugal, da adoção, da esperança, do desconhecido e da necessidade. (EPALANGA, 2014, pp. 97-98)

Assim, as dinâmicas de identificação relatadas por Guerreiro em *Alzira está morta* encontram-se também no romance de Kalaf Epalaga, na sua procura conflitual de um espaço de identificação nas cidades europeias e em particular nas noites de Lisboa – lugar cuja presença africana, segundo o autor, colocou em xeque a visão tradicional de identidade:

Esta cidade agora me pertence. É minha. É assim, desde o momento em que, ao descer pelas ruas que lhe servem de cartão postal, me apercebi de que ninguém que se dizia lisboeta a reclamava depois do horário do expediente. [...] No momento em que esta cidade hasteou a bandeira do multiculturalismo e voltou a resgatar o manual de sobrevivência dos primeiros missionários que desembarcaram na foz do Rio Zaire, estavam lançadas, inevitavelmente, as bases para que fosse reaberto o debate sobre identidade. Neste cantinho à beira-amar, cuja história se confunde com África desde que o Algarve é Algarve. (*Idem*, pp. 228-229)

Para concluir, tanto em Goli Guerreiro quanto em Kalaf Epalanga os deslocamentos atlânticos são funcionais para mostrar como identidades culturais interagem e se moldam através de contatos contínuos, explícitos ou implícitos. Desconstruindo através da representação das migrações e da diáspora a associação moderna entre identidade cultural e território nacional.

Todavia, é importante sublinhar que tal dinâmica, dentro das lógicas hegemónicas que sempre regeram as relações de poder entre “norte” e “sul” do Atlântico, nunca aparece como um processo pacífico. Por isso, os produtos culturais que encontramos discutidos ou representados nos dois romances – como a mesma escrita, ou como a música – além de serem de acordo com Paul Gilroy necessários “veículos de consolação” que “especificam formas estéticas e contra-estéticas” (GILROY, 2001, p.

13), são também e sobretudo momentos de afirmação cultural em lugares hostis. Por conseguinte, momentos de sobrevivência e de resistência.

Referências

EPALANGA, Kalaf. *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)*. Alfragide: Caminho, 2014.

GILROY, Paul. *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: editora 34, 2001.

GUERREIRO, Goli. *Alzira está morta*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In _____ *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 25-48.